



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 6, Outubro-Dezembro. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p994>

**A MORTE DA NARRATIVA E
A NARRATIVA DA MORTE:
uma conexão com Walter
Benjamin**

THE DEATH OF THE NARRATIVE
AND THE NARRATIVE OF DEATH:
a connection with Walter
Benjamin

LA MUERTE DE LA NARRATIVA Y
LA NARRATIVA DE LA MUERTE:
una conexión con Walter Benjamin

**Ramiro Barbosa Xavier¹
Amanda M. P. Leite²**

RESUMO

As múltiplas formas de comunicação podem nos levar a um cenário de desinformação, sedução, solidão e de morte com aquilo que presumimos enxergar. Estar vivo, hoje, aponta para a condição de estar virtualizado, digitalizado. Aqui, busca-se provocar uma reflexão com base em dois ensaios do escritor Walter Benjamin (1892-1940) envolvendo-os com o universo experienciado pela população LGBTI+, de maneira a compreender como as narrativas desta população são construídas e apresentadas nos ambientes midiáticos.

¹ MBA em Marketing Político pela Faculdade Católica do Tocantins. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Aluno Especial (2019.1 e 2019.2) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (PPGCom – UFT). E-mail: bavier@gmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8108-5733>.

² Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade e no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: amandaleite@mail.uft.edu.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7449-7775>.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; morte; LGBTI+; Walter Benjamin.

ABSTRACT

The multiple forms of communication can lead us to a scenario of disinformation, seduction, loneliness and death with what we presume to see. Being alive, today, points to the condition of being virtualized, digitized. Here, we try to provoke a reflection based on two essays by the writer Walter Benjamin (1892-1940) involving them with the universe experienced by the LGBTI + population, in order to understand how the narratives of this population are constructed and presented in the mediatic environments.

KEYWORDS: Narratives; death; LGBTI+; Walter Benjamin.

RESUMEN

Las múltiples formas de comunicación pueden llevarnos a un escenario de desinformación, seducción, soledad y de muerte con lo que presumimos ver. El estar vivo, hoy, apunta a la condición de estar virtualizado, digitalizado. Aquí, se busca provocar una reflexión basada en dos ensayos del escritor Walter Benjamin (1892-1940) envolviéndolos con el universo experimentado por la población LGBTI +, de manera a comprender cómo las narrativas de esta población son construidas y presentadas en los ambientes mediáticos.

PALABRAS CLAVE: Narrativas; muerte; LGBTI+; Walter Benjamin

Recebido em: 01.06.2019. Aceito em: 09.09.2019. Publicado em: 01.10.2019.

Introdução

Quais as maneiras encontradas pela população LGBTI+³ para reinventar e construir suas narrativas de vida, diante das inúmeras possibilidades de acesso às mídias existentes na atualidade? Vamos partir do ponto de que narrativa aqui é compreendida como o ato de narrar, contar, relatar fatos, histórias e memórias.

Na busca por encontrar ecos para novos dizeres, chamamos para perto o escritor judaico-alemão Walter Benjamin (1892-1940), considerado um dos grandes expoentes do pensamento crítico do século XX. Lembramos, antes, que o que dizemos aqui não se trata de uma análise da “obra” de Benjamin. Tentamos, apenas, abrir uma narrativa baseada em dois ensaios do autor: “Experiência e pobreza” (1933) e “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1936).

Benjamin (1987, p. 115) afirma que “[...] uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”. Ele alerta que “ficamos pobres” e “abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano”. Teríamos empenhado essas peças “a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do atual” (pág.119). Um atual que estaria empobrecendo a magia da experiência e dando lugar ao que ele chamou de nova barbárie. Passamos a ficar mudos.

As palavras de Benjamin refletem o “moderno” protagonismo, por exemplo, das relações construídas e desconstruídas por LGBTI+ em cliques e novos *logins*, nos perfis atualizados instantaneamente e nas imagens tentadoras que se renovam em segundos. Com isso, vislumbram-se diversos imaginários: a construção de identidades estereotipadas, a reprodução de posturas de

³ LGBTI+ é a sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e Intersexo. O símbolo “+” designa pessoas não-cis que não se consideram trans, e por todas as outras orientações que não são hétero.

personagens inspiradoras, mas, também, falsas aparências para esconder a infelicidade, o ódio, a violência e a morte. Matamos sem saber o que estamos matando – se a imagem em tela ou o humano. Mas quem diz isso? Onde? Em qual espaço de *media*? Mataram também os meios de informação?

De acordo com relatório apresentado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB)⁴, entidade que há quase quarenta anos mostra números da violência contra a população LGBTI+ no Brasil, em 2018 foram 420 mortes. 320 homicídios, totalizando 76% dos casos de violência, e 100 suicídios, representando 24% dos dados. Isso quer dizer que a cada 20 horas um LGBTI+ é morto ou comete suicídio no Brasil. Os números colocam o País como recordista no ranking de países que mais mata essa população no mundo. Essas mortes são motivadas, exclusivamente, pela homofobia e transfobia?

A ponte que se quer estabelecer aqui entre o que disse Benjamin nesses ensaios, há mais de oitenta anos, e a violência contra a população LGBTI+, no Brasil, é uma tentativa de compreender como esse ser humano “atual” e “moderno” vem construindo narrativas de si e sobre si, e como essas narrativas são apresentadas – ou ignoradas – pelos e nos *media*. A época de Benjamin foi de duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), de cenários de horror, de bombas, mísseis, e também de uma Alemanha nazista que controlava os meios de informação. E agora? Vivemos o tempo de quê? Qual seria o pano de fundo para as experiências vividas pela população LGBTI+? A arma apontada para essa população nas últimas décadas teria se modernizado e disparado o descaso, o preconceito, a intolerância, a xenofobia, munições “simbólicas” e

⁴ www.grupogaydabahia.com.br.

“subjetivas” que hoje ainda nos permitem indagar: Quem matou aquele ou aquela que narra?

Em “O narrador”, quando Benjamin tece considerações sobre a obra do escritor russo Nikolai Leskov (1831-1895), ele o faz em meio a um desabafo para falar do sumiço da figura do narrador, impulsionado pela “modernidade”. Afirma que a morte da narrativa começou a se dar por dois fatores: o surgimento do romance, isolado pela imprensa, o que teria contribuído para a perda das vivências coletivas; e a chegada de um novo meio de comunicação: a informação, que já viria “explicada”, efêmera e com valor somente enquanto novidade. Para Benjamin (pág. 203), “[...] se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio.” Um paradoxo? Então poderíamos dizer que a violência praticada contra a população LGBTI+, expressa nas mídias e redes sociais, só teria valor enquanto mais uma informação dentre tantas outras? “[...] quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.” (pág. 203).

Imagens

O conjunto de imagens que mostramos a seguir compõe um recorte apresentado na disciplina “Narrativas Contemporâneas: Fotografia e Comunicação”, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito para a conclusão da mesma. São imagens que tencionam e problematizam os temas apresentados a partir do subsídio teórico ancorado em Benjamin.

Acreditamos que esta narrativa seja apenas um respiro, um espasmo sobre o que Benjamin conseguiu dizer. Um homem que viveu num período de guerras, suicidou-se aos 48 anos (muito – talvez - em decorrência das misérias experienciadas), mas que apontava, em meio a uma inquietude no olhar, a

sobrevivência e reinvenção da narrativa, independentemente das potências tecnológicas e até da morte.

Segundo o Atlas da Violência 2019⁵, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, oficialmente o Brasil não sabe o número exato de sua população LGBTI+, o que o documento chama de “apagão estatístico”. Então, não seria urgente descortinar essas narrativas e números ainda controversos, uma vez que se continua a matar e a morrer sem mesmo notificar estatística e humanamente essa população?

As imagens apontam narrativas do universo LGBTI+ em espaços de mídia. As três primeiras mostram relatos de agressões (física e psicológica) vividas por LGBTI+. A imagem 4 apresenta uma narrativa de fácil identificação homofóbica, com incitação à violência e à morte. A última, a imagem 5, é uma performance, um ato alusivo à violência sofrida por LGBTI+, como forma de sensibilizar e alertar para o problema.

Você já deve ter ouvido falar sobre narrativas dessa natureza, e, nos valendo dessa sensível analogia ao que disse um dia Walter Benjamin, não há como vendar os olhos ou tapar a boca. Existe uma realidade que indica ser, tomando emprestadas as palavras de Benjamin, produto de uma “evolução secular das forças produtivas” e que necessita ser narrada – seja fora ou dentro dos ambientes midiáticos.

Desse modo, as respostas para os questionamentos lançados acima são alicerces para a reflexão que se quer construir aqui, e para a obtenção de informações, mesmo contrariando Benjamin. A população LGBTI+ existe, mas não sabemos do seu rosto. Ela fala, mas parece que ainda não aprendemos a ouvi-la. A provocação presente nos ensaios desse autor pode ser importante ajuda para

⁵ www.ipea.gov.br

dar visibilidade a esse grave problema social. O recorte do conjunto de imagens apresentadas tenta dar passagem a estes sujeitos e seus conflitos cotidianos.

Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

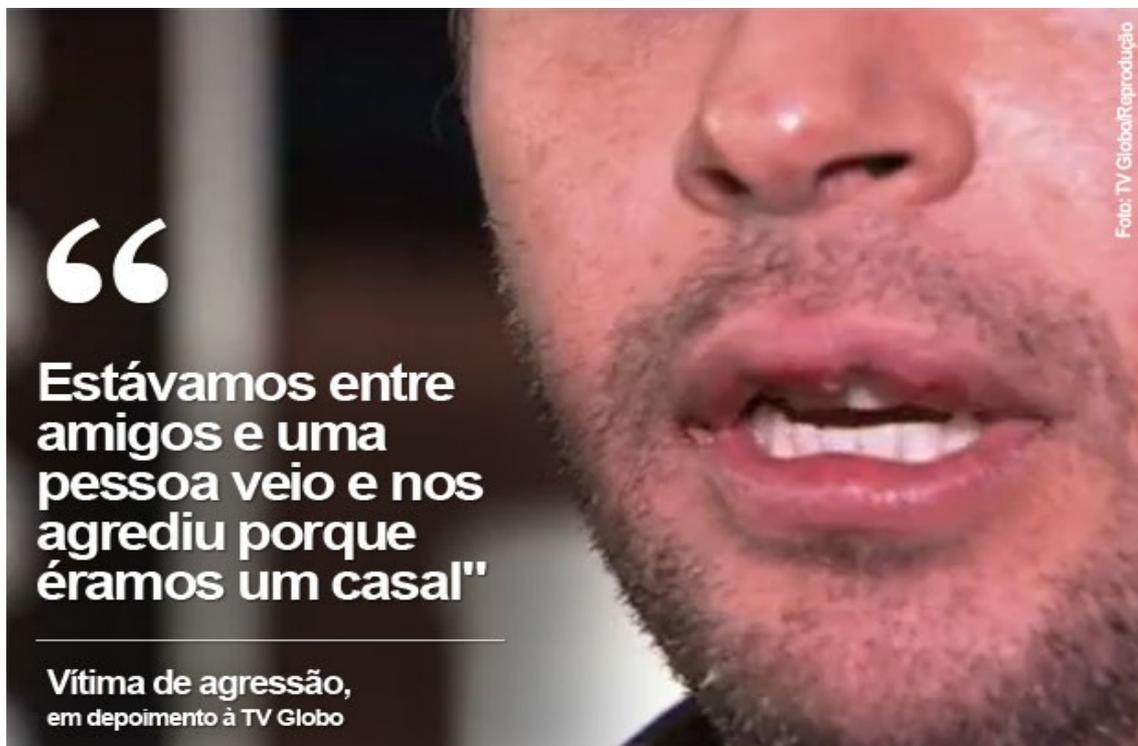


Imagem 1/Reprodução Internet.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 6, Outubro-Dezembro. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p994>



Imagem 2 - Ingrid Marchiori, publicitária. Foto: Amanda Perobelli - Reprodução Internet



Imagem 3/Foto: Saturno - Reprodução Internet



Marcos Silveira



28 min · 🌐

Atenção, geral! Tá liberada a caça legal aos viadinhos!

Não vale atirar na cabeça, tá ok?
HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA

1 caixa de Budweiser pra cada viadinho no chão.

Valendo!

3 comentários



Curtir



Comentar



Compartilhar

Imagem 4/Reprodução Internet/G1 MA.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 6, Outubro-Dezembro. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p994>



Imagem 5/Agência Brasil